

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISÂNGELA CRISTINA MARQUES SILVA

**BRINCAR: UM MODO DE EDUCAR NUM MUNDO
DE POSSIBILIDADES**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISÂNGELA CRISTINA MARQUES SILVA

**BRINCAR: UM MODO DE EDUCAR NUM MUNDO
DE POSSIBILIDADES**

"Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia".

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si38b	<p>Silva, Elisângela Cristina Marques. Brincar: um modo de educar num mundo de possibilidades: memorial de formação / Elisângela Cristina Marques Silva. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008.</p>
	<p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p>
	<p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p>
	<p>08-241-BFE</p>

AGRADECIMENTOS

“Primeiramente a Deus que foi minha luz nos momentos de aflição,

Ao meu amado esposo João Batista, fiel companheiro de todos os momentos,

A minha querida filha Fernanda, pela paciência e pelas noites que estive ausente,

A minha amiga e irmã Nair pelo incentivo, companheirismo e pelas inúmeras vezes que enxugou minhas lágrimas, não deixando eu desistir,

Ao apoio das colegas de sala e de todos os professores durante o curso,

A minha família que acreditou no meu potencial,

A todas as pessoas que de alguma forma passaram pela minha vida nesse período e participaram da minha caminhada,

E a você Moisés, que sofreu junto comigo, perdoe a mamãe que muitas vezes ficou na frente do computador para concluir esse memorial, enquanto você se mexia o tempo todo, incomodado com a posição desconfortável, ainda dentro do meu ventre.”

“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra,
e luz para o meu caminho”.

Salmo 119:105

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1.SONHOS QUE SE REALIZAM	03
2.A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO PARA DESENVOLVER O BRINCAR	09
3. UM PROJETO QUE RENDEU FRUTOS	14
4. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM O MEIO	19
5.UM RETORNO AO MUNDO DO FAZ DE CONTA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

APRESENTAÇÃO

Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escola, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios sem valor para a formação humana.

Carlos Drummond de Andrade

No decorrer do memorial relato um pouco da minha história de vida, e, principalmente o lugar que a Educação nela ocupa. Meus sonhos de jovem adolescente em ser professora e a forma que conquistou meu coração. Até que tentei atuar em outras áreas, mas parecia haver um lugar preparado para mim na Educação.

Relato minhas surpresas, angústias e até desesperos frente a eminente impotência que acredito todas os profissionais da educação um dia já sentiram quando se depararam com situações que pareciam não ter solução ou quando se viram diante destas, sem o mínimo de apoio ou até mesmo preparo. O verdadeiro aprendizado aconteceu quando comecei a trabalhar, anos mais tarde, e ver de perto as necessidades das crianças diante de uma educação que muitas vezes está ultrapassada.

Registro também a minha vontade de estudar e a oportunidade que tive de ingressar em uma das melhores universidades do Brasil: a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). A felicidade de minha família através de seu apoio e todas as renúncias que tive que fazer no decorrer do curso para conquistar um sonho antigo.

O ingresso no PROESF (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da região metropolitana de Campinas) foi rodeado de incertezas, lutas, medos e agora concretizado em forma de palavras, lembranças e saudades, a sensação de mais uma etapa concluída e, sobretudo de um sonho realizado. Pois tudo o que aprendi no curso proporcionou ver minha prática sob novas perspectivas; num momento parecia impossível fazer um recorte, a vontade que tinha era de expor sobre vários temas. Depois de tantas tentativas cheguei a conclusão de que falar do brincar, apesar de tantas pessoas escreverem sobre o mesmo tema seria o mais pertinente, pois faz parte da minha vivência diária. E a necessidade de provar que a criança, dentro da creche, não apenas brinca, mas forma conceitos através de nossa mediação, que lhe serão úteis para entender a educação formal em toda a sua complexidade.

Todas as disciplinas que o PROESF nos ofereceu foram de grande valia e de cada uma guardo doces recordações. Claro que ficaria um trabalho muito extenso e uma leitura cansativa se fosse colocar experiências de cada uma delas. Por isso escolhi

aquelas que tiveram um significado maior em minhas experiências e que têm o brincar como uma das ferramentas para serem aplicadas no cotidiano.

Falarei sobre o brincar dentro de algumas disciplinas como matemática e um projeto de feira livre que desenvolvi e onde obtive excelente resultado com crianças da creche. Depois as re-descobertas através do conhecimento das várias etapas do desenvolvimento da criança e de um novo olhar para os pequenos e para o ambiente da escola, tão rico e enriquecedor ao imaginário infantil.

Por fim, um doce retorno aos tempos de infância, através do faz de conta, quando eu e minhas companheiras de trabalho encenamos um teatro para a escola. Foi um momento de intensa magia quando ao termino da apresentação fui para a sala, ainda vestida de personagem e as crianças se depararam com uma boneca viva.

Antes do curso de graduação terminar uma surpresa esperada e muito desejada: uma gestação no penúltimo semestre. Essa foi a maior alegria que poderia ter nesses anos de estudos. É claro que foi rodeada de muitos obstáculos, mas meu já amado filho Moisés e eu conseguimos ultrapassá-los.

Concluo essa escrita com o relato do que fica e o que mudou em minha vida. O olhar sobre as brincadeiras e a necessidade de permitir que nossas crianças o façam com mais freqüência e liberdade. Espero que a leitura toque no coração do leitor e possa despertar, quem sabe, aquela criança que um dia já fomos!

1. SONHOS QUE SE REALIZAM

Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre mãos de uma criança.

Antônio Gedeão

Não foi por acaso que cheguei aqui no PROESF. O início de tudo foi no ano de 1991, na cidade de Guaxupé, em Minas Gerais, quando decidi cursar o Magistério ao invés de terminar o ensino médio. Foram quatro anos de aprendizado e dedicação, tempo em que muito aprendi.

Os estágios foram no ensino fundamental e pré-escola. Não conheci nenhuma creche, nem por curiosidade, apesar de haver uma creche bem famosa em minha cidade. A única coisa que sabia sobre ela era que a vaga era concedida apenas a mães que comprovassem, por documentação, que estavam trabalhando e necessitavam da vaga.

Quem diria que onze anos mais tarde eu estaria trabalhando em uma creche e por esse motivo ingressaria em uma universidade famosa e muito concorrida e que é o sonho de muitos estudantes do interior. E mais ainda, que estaria registrando essa história em forma de memorial. Isso comprova que um sonho pode nos levar além daquilo que podemos imaginar.

As aulas, na época do magistério, eram mais expositivas e os métodos utilizados eram tradicionais. O que fazia a diferença eram os estágios, quatro meses, que deveriam ser remunerados pelo governo estadual da época, contudo, no fim algumas alunas receberam e outras não. Eu, como amava estar nas escolas, nem me preocupei muito. Cumpri o tempo determinado e recebi apenas uma parte. Mas o que vivi nessa época, dinheiro não paga. O amor das crianças e o respeito que eles tinham pelos adultos que trabalhavam na escola era muito grande.

Outra experiência que ficou marcada dessa época foram as peças que montávamos no colégio. Era a hora que voltávamos a infância literalmente. Imagine uma sala com vinte alunas brincando de escolinha do Professor Raimundo¹ ? Montamos uma peça que satirizava esse programa. Algumas personagens marcantes foram representadas e outras foram substituídas por caricaturas de professores do colégio. Os professores adoraram e nós nos divertimos como crianças.

¹ Programa humorístico da Rede Globo de televisão exibido nas décadas de 80/90.

A peça era para ser apresentada apenas para a professora de artes e a turma de magistério. No fim apresentamos também nos três turnos do colégio e fomos numa casa de repouso onde os idosos brincaram conosco e se divertiram. Isso comprova que brincadeira não tem idade, faz bem para a alma e para o coração.

Essa lembrança não é a única porque sempre gostei de participar de teatros, desde o ensino de fundamental. Lembro-me que minha professora da segunda série incentivava muito o teatro dentro da escola e eu sempre estava no meio do que para mim era uma brincadeira prazerosa.

O sonho de ser professora teve um começo e foi interrompido quando, ao término do curso tive que escolher continuar trabalhando como caixa de posto de gasolina porque o salário era melhor, do que largar tudo e trabalhar como professora substituta até aparecer uma oportunidade de efetivação. Queria fazer faculdade, mas seria difícil pagar mesmo com o salário que ganhava. Queria fazer outros cursos como informática, inglês e deixei de pensar em lecionar naquele momento.

Achava que jamais voltaria a pensar na possibilidade de trabalhar com educação e escutava a todo o momento as pessoas me perguntarem porque eu havia desistido de um sonho que foi tão batalhado para ser concluído. Casei-me em 1995 e vim morar em Campinas. Já não pensava em estudar naquele momento, queria cuidar de casa, do marido e da filha, que viria um ano mais tarde.

O tempo foi passando e as dificuldades financeiras foram chegando. Minha filha já tinha cinco anos e iria para a escola. Mudamos para Hortolândia e fizemos amizades que muito me influenciaram a voltar aos estudos.

Voltar a estudar se tornou um problema porque somente meu marido trabalhava e não teria condição de pagar meus estudos em uma faculdade privada e mesmo que fosse pública não teria condição de pagar os gastos que sempre existem, como transporte, material, etc. Isso começou a me trazer angústia. Possuía um diploma, mas não sabia como ele poderia me ajudar porque não tinha muitos conhecimentos de como funcionava a questão de concursos. A única certeza que tinha era que precisava arrumar emprego para poder voltar aos meus objetivos de mais de dez anos atrás.

Em 2004 houve um concurso para professores e recreacionistas na prefeitura de Hortolândia. Uma amiga me obrigou a fazer a inscrição e por insegurança, me inscrevi para concorrer a vaga de recreacionista. Estudei muito e muitas pessoas que passaram pela minha vida me ajudaram nessa fase de recordar muitas coisas que não lembrava mais. Mesmo estudando para o concurso não parava de mandar currículos para arrumar

emprego em outras áreas. Nesse tempo arrumei emprego de camareira, num hotel de luxo em Campinas. Foi um tempo difícil, que me ajudou a concluir que deveria investir urgente na minha formação pessoal.

Sai o resultado do concurso e lá está meu nome: 14ª colocação. Não acreditei e continuei indo trabalhar no hotel até o dia que chegou a carta de convocação. Foi um dia especial e eu não sabia, mas era a abertura de uma porta que me levaria a realizar um sonho adormecido.

Passei por um treinamento antes de começar a trabalhar, mas o que se tem no papel e se assiste nas palestras não é bem a realidade vivenciada na maioria das creches. Depois de toda a burocracia com papeladas, exames, entrevistas finalmente fui para a atribuição e como a minha colocação foi boa consegui escolher uma escola perto de onde morava, a Escola Municipal de Educação Infantil Jardim Sumarezinho.

Saí do Departamento de Educação e fui conhecer a escola que havia sido construída naquele ano. A recepção foi calorosa e já fui conhecendo a sala que iria trabalhar: crianças de dois anos de idade (maternal I).

Senti-me uma formiga no meio do deserto. Tudo era diferente, não havia passado pela realidade de creche quando fiz o magistério porque na época esta não fazia parte da educação infantil. Aparentemente tudo era lindo e perfeito, mas a medida que ia conhecendo a realidade dessa fase na Educação Infantil percebia que não era bem assim.

Na primeira escola que trabalhei o ambiente físico era novo e com mais adaptações para as crianças pequenas, como pias para escovarem os dentes, vasos sanitários e bancos. Mais tarde conheci e trabalhei em escolas onde não havia nenhuma ou muito pouca estrutura pensando na criança pequena: torneiras altas, banheiros comuns para dar banho em criança de dois anos de idade, sem contar a falta de funcionários que nos obrigava a trabalhar dobrado.

Minha formação do magistério não dava suporte para entender o que se passava com a realidade vivenciada. Até porque quando estudei não havia uma disciplina específica sobre a Educação Infantil.

Percebi que a formação oferecida aos profissionais da Educação Infantil quando fui contratada se repetia sempre que éramos convocadas para fazer alguma capacitação durante o ano. Quase não havia novidades e o tempo dos cursos era bem reduzido. Já não bastavam para mim e comecei a me informar se a prefeitura ajudava funcionários que desejassem cursar faculdade. Descobri que havia um curso de pedagogia, o PROESF (Programa Especial para Formação de Professores em Exercício), da região

metropolitana de Campinas oferecido pela Unicamp. Fiquei muito interessada e comecei a colher informações.

Diziam que recreacionistas não estavam incluídas no programa, me decepcionei, mas não desisti. Um dia chega a notícia que iriam fechar as matriculas para o processo seletivo de mais uma turma e que a recreacionista que tivesse o curso de magistério poderia estar concorrendo a uma vaga do PROESF. Para mim foi um presente e comecei a estudar juntamente com minha amiga Nair que trabalhava comigo na época, a qual muito me incentivou e me apoiou durante todo o curso, principalmente agora que estamos terminando.

Começava novamente uma fase de estudos e correria porque tive pouco mais de um mês para estudar autores que não havia lido no meu curso de magistério, agora ultrapassado porque na época não havia na LDB² algo sobre a Educação Infantil.

Muitos dos autores que estavam na bibliografia eu também nunca havia estudado porque depois que terminei o magistério e me casei não tive mais curiosidade em procurar me atualizar sobre a educação. Parece que eu entrei num estado de dormência intelectual. Só queria saber de ser dona de casa e mais nada. Não me arrependo de ter me dedicado a minha família, mas devia ter pensado um pouco mais em meu futuro profissional.

A fase de provas passou e finalmente chegou o dia da matrícula. Eu não acreditava, depois de tantos anos eu estaria fazendo um curso superior em uma universidade que para mim era um desejo distante e adormecido.

Ingressamos no curso de pedagogia da Unicamp em dois de agosto de 2005. E nessa data inicia a realização de um sonho de mais de dez anos atrás. Com essa realização começa a etapa de descobertas, mudanças, frustrações, angústias e todos os sentimentos possíveis que possamos ter com relação à educação de nossas crianças.

Minha mente estava bem lenta e no primeiro semestre fiquei assustada. Lia os textos e não entendia nada. Ficava perdida nos meus pensamentos. Aos poucos tudo foi melhorando e as colegas de sala foram dando força, ajudando no que podiam, orientando nos trabalhos porque muitas estavam saindo de outros cursos do nível superior e já haviam passado por todo esse processo de adaptação. Na medida em que fomos apresentadas às disciplinas, o assunto principal, desde o primeiro semestre foi a

² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro.

escrita desse memorial. Muitas pessoas já o planejavam desde o início do curso, outras, como eu, deixaram para se decidir mais no fim do curso.

Quantas dúvidas surgiram! Que assunto abordar se tudo que aprendia era significativo? Contudo falar sobre a educação infantil, especificamente da creche, pareceu mais tranquilo para mim, pois, poderia fazer um paralelo entre o que vivencio e o que aprendi para aplicar ou pelo menos modificar minha visão dentro da educação.

Mesmo assim a Educação Infantil é um assunto amplo e que foi abordado em várias disciplinas. Por isso fiz a opção de discutir o brincar dentro da creche, em especial, por ser algo tanto mais próximo da minha vivência profissional quanto do meu jeito de ser. Não que eu leve a vida na brincadeira, mas porque acredito que através do ato de brincar se aprende muito e melhor. Através do brincar de uma criança você descobre muitas coisas de sua vida fora da escola e entende certas atitudes, que sem esse olhar poderiam ser interpretadas de forma errônea.

A cada dia percebo que não tenho o poder de mudar o mundo sozinha e por isso faço a minha parte, coloca a minha pedra na construção dessa educação que tentamos emancipar.

Para terminar esse breve retrospecto não poderia deixar de falar sobre minha família maravilhosa. Já tenho uma filha, Fernanda, de onze anos de idade e a alguns anos venho tentando ter mais um filho, mas estava difícil. Quando menos esperávamos Deus nos presenteou com um menino. A gravidez chegou em um momento de muitos acontecimentos de minha vida, dentre eles a faculdade. Algumas pessoas chegaram a questionar porque não havia planejado melhor. Mas eu e meu marido havíamos feito isso. Mesmo com toda a dificuldade que estou tendo para me locomover, subindo e descendo escadas todos os dias; toda a mudança que ocorre à uma mulher quando está neste estado que para mim é um dos mais lindos, estou muito feliz. E sei que vou conseguir concluir o curso e me formar com a turma.

O Moisés, que ainda vai nascer em maio, sabe que é muito amado, assim como sua irmã já é, e que foi desejado por nós. Toda vez que olhar para ele eu me lembrarei de toda a luta que tive para concluir o curso de Pedagogia e da vitória alcançada e premiada com seu nascimento.

2.A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO PARA DESENVOLVER O BRINCAR

Eu agradeço a professora Elizabeth que foi uma das muitas professoras que incentivou a brincadeira, o faz de conta, o meu imaginário infantil. Não necessitou ninguém falar para mim, enquanto criança, que aquele tipo de atividade era, na realidade um forte estímulo que desenvolveria minha criatividade, percepção e imaginação. Estímulo esse oferecido também pela minha mãezinha querida que me deixou brincar tanto quanto precisava.

Tudo isso eu descobriria anos mais tarde, no PROESF, estudando artes, educação infantil e tantas outras disciplinas que nos mostraram o quanto é importante e necessário deixar a criança brincar, criar, imaginar. Não pensava que essas experiências fariam a diferença quando fosse, anos mais tarde, trabalhar com as crianças pequenas.

Tenho certeza que fui uma criança muito feliz e me entristeço quando, nos dias de hoje, ainda vejo professores de creche querendo tirar esse momento tão importante e necessário para as crianças e substituí-los por atividades formais em papéis mimeografados. Através dos estudos e discussões no decorrer do Proesf aprendi que no brincar a criança se apropria de elementos da realidade e lhes dá novo significado. Isso se faz através da imitação e imaginação. Quando a criança brinca seus gestos, os objetos que utiliza e o espaço em que se encontra tomam a forma da sua imaginação. É através das brincadeiras das crianças que podemos observar os conhecimentos que elas já possuem e no seu brincar coletivamente transformam seu conhecimento ao trocá-los com as outras crianças. Daí a necessidade de se incentivar momentos e espaços adequados nas creches para que as crianças possam brincar.

Tenho plena certeza, através da minha vivência, que a criança se desenvolve mais com as outras crianças porque uma auxilia a outra nas suas dificuldades e por terem linguagem própria acabam se entendendo com mais facilidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil descreve o brincar como um ato de desenvolvimento da identidade e de autonomia. A imaginação, as brincadeiras de faz de conta deveriam ser presentes no cotidiano das creches. São nessas brincadeiras que as crianças imitam e recriam o que observam de suas vivências fora do

ambiente escolar. No cenário de faz de conta não só imitam o outro, os adultos, as personagens de sua convivência como também transformam o ambiente em que estão.

Através da repetição dessas brincadeiras a criança acaba ativando a memória, atualizando seus conhecimentos e ampliando-os, recriando novas situações. Como uma criança de um ano e meio é capaz de reproduzir, uma pessoa cozinhando e utilizando os utensílios de cozinha de forma imaginativa?(VYGOTSKY, 1984) Observando os adultos no seu cotidiano. Portanto não devemos ignorar a presença da criança pequena no ambiente, ela sempre estará observando algo ou alguém e irá imitar em suas brincadeiras futuras. O faz de conta deve ser estimulado por nós educadores, e devemos fazê-lo propiciando ambientes para que isso aconteça. Escutar as crianças em suas brincadeiras é muito importante.

...fazer uma roda de conversa, seja por razões metodológicas, por estratégias, ou porque nos disseram sobre a necessidade de tal atividade, deveríamos acreditar que as crianças têm algo a falar. De fato, as crianças têm o que dizer, do jeito delas. (ABRAMOWICZ, 2004, p20)

A ânsia em ter a Educação Infantil e a creche reconhecidas como necessárias, e amparadas pela lei como direito da criança a ser suprida pelo Estado, muitas vezes tirou o foco dessa fase da infância de 0 a 6 anos, em que o mais importante é o estímulo as descobertas através de experiências vivenciadas no espaço escolar e também através do brincar.

Minha prática pedagógica tem se modificado durante os semestres no Proesf. As descobertas e re-descobertas com os estudos realizados muitas vezes me trazem angústia, outras vezes alívio. Angústia porque em alguns momentos me senti prisioneira no meu local de trabalho, com mãos atadas, achando tudo errado e não podendo fazer nada. O alívio tem brotado em meu coração na medida que percebo não ser a única a ter esses sentimentos e que por outro lado, posso ajudar a plantar a semente de futuras mudanças em meu local de trabalho através de atitudes que estão sendo moldadas na minha prática pedagógica através desses estudos.

Estudando a Educação Infantil, no Brasil, percebi que sua história é de mais de cem anos, mas foi a partir dos anos 70 que a sociedade e as políticas governamentais passaram a dar mais importância à ela.

Por muito tempo a creche teve como principal característica o assistencialismo onde sobressaía o cuidado com o físico, a saúde e a alimentação como eixo central para

o desenvolvimento das crianças. O principal objetivo era atender as mães que trabalhavam fora de casa.

A partir dos dispositivos da Constituição de 1988, e recentemente da lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil de 1996 (Lei 9394/96), passou a se usar a expressão Educação Infantil para designar as instituições que atendessem crianças de zero a seis anos de idade. A LDB, acima citada, ratifica a Educação Infantil como dever do Estado, e a creche não se configura apenas como instituição que atende crianças que as mães trabalham fora de casa.(ABRAMOWICZ, 2004)

À medida que analisamos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil onde devemos basear nosso trabalho descobro que a realidade é bem diferente da ditada nos livros. Existe muitas controvérsias que devem ser revistas. Vejo profissionais que trabalham o tempo todo, com improvisos, por falta de material ou estrutura para garantir um atendimento digno para as crianças. As cobranças feitas a esses profissionais não correspondem a estrutura do local de trabalho, o que faz com que as normas da legislação não saiam do papel.

Falando sobre o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ele comumente não contempla a questão das diversas camadas sociais e das várias especificidades regionais;

... à medida que a leitura do referencial vai nos remetendo aquela infância desejada, rica em estímulos, pertinente quanto a adequação do vínculo do educador com a criança, e vai nos seduzindo, transportando, remetendo para criança idealizada, ele nos afasta da realidade da maioria das creches brasileiras, desconhecendo ou ocultando parte dos conhecimentos anteriormente sistematizados e divulgados.(PALHARES e MARTINEZ, 1999, p.10).

A criança de 0 a 6 anos de idade não aprende através de um currículo compartimentalizado no tempo e espaço do adulto que a assiste. Ela interage com o mundo através das relações sociais, culturais e históricas, como diz Kuhlmann (1999, p. 57), “(...) apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, porque as relações sociais são parte integrante de suas vidas, de seu desenvolvimento”. Daí a necessidade de explorar o brincar da criança como forma de educá-la.

Antes de iniciar o curso de formação do PROESF escutava, a todo o momento, profissionais da educação dizerem: “Onde já se viu, a mãe dessa criança não trabalha e deixa o coitadinho o dia inteiro na creche!”. Hoje realmente quando escuto comentários

desse tipo, logo repreendo a pessoa, fazendo-a lembrar que não é a mãe que tem direito a Educação Infantil e sim seu filho que tem o direito de estar ali.

Percebo que ter formação adequada é importante para uma melhoria na nossa realidade. A visão do profissional tem de ser mudada. Seu entendimento com relação a forte influência que temos sobre a formação das crianças dentro da sociedade e o nosso papel político dentro dessa sociedade tão desinformada quanto aos seus direitos como cidadãos.

Não podemos nos considerar pessoas que dão jeitinho. Temos que nos adaptar a realidade em que vivemos tendo como foco principal formar nossas crianças para serem participantes e fortemente atuantes na sociedade através da nossa postura diante das situações do cotidiano. Antes pensava que todos os níveis da escola tinham que funcionar sob os mesmos moldes e agora percebo que a Educação Infantil merece um olhar diferenciado para não tornar a vida das crianças algo massacrante e rotineiro. A Educação Infantil tem de ser um ambiente neutro, diferente da casa e sem aquela visão hospitalar e assistencialista.

Hoje quando me lembro do meu percurso no PROESF vejo o quanto foi rico esse momento de aprendizado onde através de vários autores percebia a minha própria necessidade de formação e a urgência da extensão dessa formação a todos que estão ligados a educação. Isso é confirmado por vários autores

Quando se indica a necessidade de tomar a criança como ponto de partida, quer-se enfatizar a importância da formação profissional de quem irá educar essa criança nas instituições de educação infantil. Não é a criança que precisaria dominar conteúdos disciplinares, mas as pessoas que a educam.(KUHLMANN, 1999, p.65).

3.UM PROJETO QUE RENDEU FRUTOS

Quem escreve ou pinta ou ensina ou dança ou faz cálculos em termos de matemática, faz milagre todos os dias. É uma grande aventura e exige muita coragem e devoção e muita humildade.

Clarice Lispector

A abordagem de matemática na educação infantil, especificamente na creche, como é proposto no RCNEI³, acaba tendo como uma das finalidades proporcionar oportunidades para que as crianças desenvolvam a capacidade de estabelecer aproximações a algumas noções matemáticas, presentes no cotidiano da criança, como a contagem e as relações espaciais.

Com as leituras descobri sobre o desenvolvimento da criança e as diversas etapas da evolução de suas percepções com relação aos números, pude verificar que

o bebê de seis a doze meses adquire mais ou menos uma certa capacidade de apreciação global do espaço ocupado pelas coisas(...) e dos doze aos dezoito meses, a criança aprende, pouco a pouco, a fazer distinção entre um, dois e muitos objetos, e a discernir com um só golpe de vista a importância relativa de duas coleções reduzidas de seres ou de objetos(...), entre dois e três anos, a criança já adquiriu o uso da fala e aprendeu a nomear vários números.(IFRAH, 1978, p.19)

O projeto apresentado foi desenvolvido dentro da disciplina de Matemática do Proef e tinha como tema “Praticando a Matemática na Feira Livre”. Cada aluna do curso teria que desenvolver esse projeto em suas respectivas escolas, ou seja, teriam experiências tanto dentro da Educação Infantil quanto no Fundamental. O objetivo geral seria trabalhar conteúdos variados, explorando de forma equilibrada e articulada números e operações, grandezas e medidas, inserindo conceitos monetários, estimulando o raciocínio lógico matemático. No meu caso seria apenas a familiarização dessas noções de forma lúdica.

Foi desenvolvido no ano de 2006 quando trabalhava na Escola Municipal de Educação Infantil Jardim Novo Ângulo, com crianças de 2 a 3 anos de idade. Na mesma época a professora Inês, com quem trabalhava, teria que desenvolver um projeto sobre Alimentação e por isso resolvemos unir nossos projetos. Acredito muito no trabalho

³ Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil

coletivo e nossa parceria rendeu muitos frutos. É muito prazeroso trabalhar com pessoas que se doam e aceitam o que você tem para doar.

Outra pessoa me ajudou muito, meu marido João Batista, grande companheiro que durante esses três anos de curso foi meu braço direito e participou de todas as minhas invenções. Ele foi fundamental porque com seus conhecimentos gerais conseguiu dar vida ao meu projeto, construiu barracas de feira num tamanho ideal para as crianças brincarem na escola.

No meu projeto essas barracas lembrariam barraquinhas de feira, mas tinham que ser apresentadas as crianças de forma bem alegre, que chamasse a atenção. O acabamento ficou por minha conta. Tanto as crianças como os adultos presentes na creche se encantaram com as barraquinhas.



No dia em que levei as barracas para a escola foi um agito total porque as crianças maiores ficaram muito curiosas e iam à sala onde guardava as barracas para saber o que iria acontecer. É claro que mais tarde, depois que exploramos ao máximo todas as possibilidades que poderiam ser retiradas do material todas as outras salas utilizaram o mesmo. Nós brincamos com as crianças e soltamos a imaginação junto com elas. O meu trabalho em conjunto com a professora Inês foi bem tranquilo e o desenvolvimento do projeto juntamente com as atividades realizadas podem ser acompanhado nas próximas descrições.

⁴ Barracas de legumes e frutas do Projeto Feira Livre na Escola desenvolvida no ano de 2006, na Escola Municipal de Educação Infantil Jardim Novo Ângulo em Hortolândia.

Primeiramente foi trabalhada a questão perceptiva, quanto à textura, cor, sabor, cheiro dos alimentos. Demos preferência as frutas e essas sensações foram transmitidas com brincadeiras em que se vendava os olhos da criança e essa deveria adivinhar o nome da fruta através do olfato e tato. Algumas tinham receio e outras se empolgavam com o que estava acontecendo. Esse tipo de atividade sempre culminava com o preparo de saladas de frutas e quando se tratava de legumes, estes eram servidos no almoço das crianças. O interessante é que algumas não aceitavam comer por não estarem habituadas a esse tipo de alimento em casa. Isso comprova que comer de forma saudável, não é barato e não é hábito de pessoas mais carentes.

Em outros momentos, aproveitava que a escola tinha muitas frutas e legumes de plástico em quantidade razoável e montava brincadeiras para comprovar que as crianças nessa idade de três anos podem assimilar noções matemáticas que futuramente irão ajudá-las a entender os conceitos matemáticos. O objetivo do meu projeto era comprovar que desde essa época da infância a criança pode e deve conhecer os símbolos que mais tarde serão recuperados e essas atividades favorecem a idéia de correspondência, que é utilizada para construir a idéia de números.

Essas brincadeiras variavam conforme o que precisaria observar para concluir meus objetivos iniciais relacionados à disciplina e a forma com que aceitavam a brincadeira dirigida. Esses momentos eram bem curtos porque as crianças dessa idade não conseguem se concentrar por muito tempo num tipo de atividade.

Como exemplo de brincadeira dirigida cito uma que eles gostavam e não necessitava de material determinado. No caso do Projeto da feira livre utilizei os legumes e frutas já citadas anteriormente, misturadas no chão. Comecei a separar um monte para cada tipo de fruta/legume e sem dizer muito me sentei na roda e perguntei as crianças se poderiam me ajudar a terminar de fazer os montinhos de frutas/legumes iguais. Eles já foram se levantando e separando. Na hora você pode pensar que vai virar bagunça, mas eles mesmos se organizaram e separaram tudo!

Isso pode ser repetido com vários objetos e em momentos diversos. O que quero dizer é que podemos estimular através de brincadeiras, mas sem impor nada. Depois que fizeram isso ainda reforcei que eles tinham vários “montinhos” diferentes. E algumas crianças até contam de forma aleatória, já mostrando que sabem que os números existem para designar quantidade dos objetos. Alguém as ensinou de forma teórica? Não, mas com certeza elas vivenciam adultos contando em algum momento de suas convivências dentro e fora da escola.

Por isso é importante ter em mente que tudo que fazemos dentro e fora da escola pode estar sendo observado por alguma criança que provavelmente irá imitar no futuro. Vygotsky deixa isso bem claro quando analisa a relação entre o aprendizado e o desenvolvimento. Ele afirma que

...o aprendizado das crianças começa muito antes delas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com o qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração, e determinação de tamanho.(VYGOTSKY, 1984,p.94)

O que eu idealizava era instigar as crianças a perceberem o mundo a sua volta e pesquisar como era um pouco da rotina destas crianças fora do ambiente escolar. Descobrir se eles já tinham alguma informação ou estímulo sobre noções de conceitos matemáticos, porque muitas crianças são estimuladas desde cedo através do envolvimento em tarefas simples com os pais ou responsáveis.

Brincar nunca pode ser visto como perda de tempo.

A feira acaba sendo um exemplo claro desse pensamento, já que é uma realidade que vem crescendo nas periferias. Algumas crianças nos surpreenderam, mostrando alguns aspectos do desenvolvimento cognitivo, perceptivo e sócio-cultural, ou seja, conheciam todos os alimentos e reconheciam as cédulas o que ficou nítido que a feira é algo que faz parte da realidade das crianças, portanto fica mais fácil a assimilação do que foi proposto. Por isso, deve-se considerar sempre o conhecimento prévio e as possibilidades cognitivas da criança para se poder ampliá-las.

As noções de matemática como contagem, relações quantitativas e espaciais são construídas a partir de experiências proporcionadas pelas crianças com o meio que estão inseridas.

Aproveitar as brincadeiras, músicas, histórias é uma das possibilidades de se obter resultados positivos com relação à abstração da matemática.

O que mais me deixou feliz foi o reconhecimento do esforço coletivo em propiciar às crianças novas formas de vivenciar o brincar. A coordenadora e incentivadora Carla pediu que escrevesse um artigo sobre o projeto e este foi publicado em um informativo da Educação do município de Hortolândia (anexo 1).

Ficamos orgulhosos, pois a partir dessas atitudes percebemos mudanças quanto à visão da secretaria da Educação com relação ao nosso trabalho, mostrando nossa seriedade e vontade de fazer nosso papel de educadora.

O RCNEI nos mostra que brincadeiras como empilhar, encaixar, rolar também fazem parte da rotina de nossas crianças e são significativas para o entendimento de noções matemáticas. As construções com blocos podem possibilitar a representação de espaços em outras dimensões. A criança brinca, aprende e nem se dá conta disso.

É nossa obrigação entrar nas brincadeiras, junto com as crianças e proporcionar-lhes ambiente para tal, porque dessa forma elas percebem que são importantes, desenvolvendo também a sua auto estima.

Muitas vezes percebo a necessidade e o prazer que têm quando brinco junto com elas. Sei que muitos pais não o fazem, uns por aparente falta de tempo, outros porque deixaram adormecer a criança que carregam dentro de si. Isso é uma pena! E acaba se tornando um problema quando não enxergam o poder de imaginação de seus filhos e só passam a ver a aparente “bagunça” que fazem. “Bagunça” que, ao contrário do que comumente pensam, terá um grande significado e renderá doces frutos.

4.O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM O MEIO

A distância que separa o homem das pedras e dos animais mais inferiores pode ser medida pela capacidade de adaptação, isto é, a capacidade de aprender soluções novas para problemas novos.

RUBEM ALVES

O brincar é algo que acompanha o desenvolvimento infantil, e muitos estudiosos, como Piaget e Vygotsky tem suas próprias definições sobre o assunto. Desde o nascimento a criança já brinca (podemos até dizer que mesmo antes de nascer ela já brinca dentro do útero da mãe). Os pais são os primeiros brinquedos da criança, pois é para eles que ela vai olhar e sorrir. Vygotsky (1984) afirma que as funções básicas do brincar são permitir que a criança aprenda a elaborar e resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia a dia. E para isso a criança usará suas capacidades como observação, imitação e imaginação.

A relação do desenvolvimento com a aprendizagem, segundo Piaget (1978), se faz com base nas etapas que ele determina como uma sucessão de acontecimentos. Pois a criança necessita de um tempo para adquirir, aprender e reforçar um conceito. Acredito que o nosso papel nesse sentido seja facilitar um tempo e preparar espaço para que a criança tenha momentos de brincadeiras que lhe proporcionem esse desenvolvimento e conseqüentemente o aprendizado.

Dessa forma até podemos acelerar o processo através de estímulos externos, mas isso não garante que o raciocínio lógico acompanhe esse desenvolvimento, portanto o que eu entendo é que se deve respeitar o tempo que a criança tem para aprender e cada criança tem um tempo. Segundo Piaget (1978), essas etapas se dividem em quatro:

- Sensório-motora (precede a linguagem) – recém nascido até 18 meses – basicamente a criança explora e manipula objetos.
- Pré-operacional (representações) – 18 meses até 7 anos – a criança entra no mundo dos símbolos, começam a usar o faz de conta em suas brincadeiras.
- Operações concretas – dos 7 aos 12 anos - lógicas que estão ligadas à classes, relações e números, como por exemplo, seriação ou classificação.
- Operações formais – a partir dos 12 anos - é capaz de raciocinar, deduzir através de hipóteses, preposições.

Pode sofrer variações de acordo com a sociedade em que a criança está inserida e também dos estímulos que recebem na família e dentro da escola. Por isso a

importância da formação e do entendimento que o profissional deve ter com relação ao desenvolvimento das crianças. Através desta proposta de Piaget, pode se concluir que através do brincar a criança, mesmo que ainda na primeira fase de desenvolvimento, consegue resolver problemas, desenvolver sua linguagem e estabelecer relações pessoais. Aprende a lidar com regras e normas sociais e isso pode ser feito mesmo com as crianças de um ano e meio, através de brincadeiras elas aprendem coisas como calçar os chinelos ou lavar as mãos antes das refeições. Conseguem desenvolver a capacidade de interação e aprende a lidar com o limite. Claro que isso não pode ser tomado como regra geral, há crianças de doze anos de idade que não tem limites. Creio que o estímulo, desde cedo, seja essencial e o trabalho da família juntamente com a escola, falando e agindo em conjunto, muito influencia, nesse caso.

O brincar é um agente ativo no desenvolvimento da criança, construindo e adaptando-se ao ambiente em que ela está inserida. Diferentemente das outras espécies que tem uma infância curta, pois são poucas informações a serem aprendidas, a criança tem muita informação para ser assimilada. Cada criança tem um ritmo para se desenvolver, aprender.(PIAGET, 1978) Algumas crianças tem maior ou menor facilidade em “aprender” sob influência deste ou daquele estímulo, que no caso da creche é o brincar em todas as situações possíveis.

Nessa idade podemos observar que grande parte já pensa antes de agir. Quando por exemplo, damos uma tarefa, colocar o brinquedo na caixa. Apenas colocamos a caixa vazia no chão e eles já se lembram que devem colocar os brinquedos dentro: já formaram um pensamento, ou seja, como Piaget coloca a criança desenvolve uma operação pré-operacional. Antes dos dois anos de idade nossa atitude tende a ser mais condicionante: colocamos a caixa no chão e começamos a pegar os brinquedos e guardar e quando colocamos na caixa batemos palma. A criança percebe e faz igual. Nós também fazemos festa, batemos palma. Isso acaba se transformando em brincadeira. Ela percebe que determinada ação (catar o brinquedo e colocar na caixa) tem uma reação (palmas). A partir daí ela começa a pensar na ação e depois a realiza para poder ter uma reação, é o que Piaget chama de operação sensório-motora.

Todo indivíduo é dotado de inteligência, coordena um meio para atingir um fim e podemos dirigir o fim de se obter aprendizado, de se educar através de brincadeiras dirigidas ou mesmo através de brincadeiras que as crianças inventam e que, de alguma forma, possamos intervir. A sua evolução se dá quando não se apóia em agir por agir, e sim, quando interioriza, evoca linguagens, símbolos para atingir o objeto ou ação.

Trabalhando como recreacionista sofria certa angústia em inserir conceitos de ciências para crianças da faixa etária de 2 a 3 anos. Através do Proesf percebi que minha prática profissional mudaria com um novo foco de observação e ação. Passei a dar mais atenção ao que era importante para as crianças, que para mim às vezes passava despercebido. Uma simples formiga no pátio, um pássaro na árvore, se tornam motivo de concentração dos pequenos e se transforma num momento de trocas e descobertas. Essa prática instiga a curiosidade das crianças, faz com que explorem o meio em que vivem de forma lúdica.

Quando mudamos nossa concepção sobre determinado assunto mudamos também a forma de agir com nossas crianças. Isso aconteceu com relação a concepção de estudo, no meu caso observação do meio juntamente com minhas crianças. Sempre fazíamos essa observação extraclasse. Através do Proesf, com explicações do professor Ivan sobre a estratégia metodológica do estudo do meio, posso trabalhar o corpo com as crianças que além de estar falando sobre identidade, estarei enfocando cada criança como pertencente, atuante e agente modificador do meio em que está inserida. É a interdisciplinaridade sendo usada na nossa prática profissional, agindo de forma tão natural que se continuar no decorrer de sua vida realmente formará cidadãos críticos e conscientes. Somos agentes da transformação do senso comum nas crianças assim como já passamos e continuamos em constante transformação. E a aprendizagem acaba sendo “um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum. Só podemos ensinar e aprender partido do senso comum de que o aprendiz dispõe” (ALVES, 1981, p.12).

Esse senso comum é o conhecimento tanto trazido de fora da escola quanto o adquirido dentro da mesma através de trocas que as crianças fazem entre si e com os adultos, ou seja, do meio sócio cultural em que esta inserida. Por isso torna-se tão importante ouvir o que a criança tem para dizer e muito mais importante ainda é termos conhecimento necessário para instigar a criança a pensar.

A experimentação, a observação através de brincadeiras é muito importante porque descobrimos o que a criança sabe e acrescentamos novos conhecimentos de forma lúdica.

Como depois de tudo isso pode-se afirmar que o brincar não educa? Impossível, principalmente quando os profissionais recebem uma boa orientação como vem ocorrendo com quem está cursando o Proesf.

5. UM RETORNO AO MUNDO DO FAZ DE CONTA

A observação sugere, mas não dá a resposta. É necessário imaginação

RUBEM ALVES



5

Esse doce retorno ao mundo do faz de conta demonstra como a busca de novas atividades faz com que o profissional da educação também busque suas experiências de criança para ampliar suas possibilidades de trabalho. Essa experiência aconteceu no ano de

2007, na Escola Municipal de Educação Infantil Jardim Fátima I. Envolveu vários funcionários da escola que participaram com alegria e dedicação. Essa felicidade ficou marcada e foi refletida nas crianças.

Tudo começou com uma brincadeira: a recreacionista Juliana trouxe uma história em quadrinhos do Sítio do Pica-pau Amarelo⁶ sobre uma visita inesperada de alienígenas que buscavam vida inteligente em outros planetas para ajudar a combater uma guerra entre galáxias. Parecia algo muito complexo para transformar em teatro para as crianças de Educação Infantil. Mas sabemos que não podemos subestimar a inteligência destes pequenos. Conversamos bastante com o grupo que aceitou o desafio e resolvemos colocar as mãos na massa. Todas nós nos envolvemos muito e, já nos ensaios começaram as brincadeiras entre o grupo.

O bom deste tipo de experiência é que acabamos nos conhecendo melhor nos ensaios e re-descobrimo a criança que, devido a muitas responsabilidades por nós adquiridas, deixamos adormecer dentro de nós. Acredito muito que quando se trabalha com criança e principalmente, criança de Educação Infantil, temos que carregar a criança que fomos, para podermos entender e desenvolver um bom trabalho com os pequenos. Eu fiquei com o papel da Emília e adorei a idéia. Não imaginava que ficaria

⁵ A turma do Sítio do Pica-pau Amarelo representada pelas funcionárias da Escola Municipal de Educação Infantil do Jardim Nossa Senhora de Fátima I (31 de agosto de 2007) – da esquerda para a direita: Anésia(merendeira), Rose (recreacionistas), Juliana(recreacionistas), Neusa(recreacionistas), Elisângela(recreacionistas), Luciana(merendeira), Maricélia(recreacionistas) e Viviane(recreacionistas).

⁶ Monteiro Lobato

tão bom e que me divertiria tanto com essa peça. Pude reviver meus tempos de colégio quando encenávamos na escola e lembrei-me de quando estava no fundamental e fiz o papel de Mônica⁷ e veio a memória a importância destas atividades que para mim eram brincadeiras que marcaram minha infância e adolescência.

Ensaíamos durante uns dez dias e os preparativos como roupas, maquiagens, cenários movimentou a escola inteira e o objetivo que acredito ser primordial, todos ajudaram de alguma forma. É isso que deve mover a educação, a participação de todos, independente de aparecer ou não. É esse tipo de atitude que faz diferença para as crianças porque elas percebem o envolvimento do adulto com o que diz respeito à elas. No dia da apresentação foi uma correria só. É cenário que voa, é som que não funciona, é papel que desaparece, muita ansiedade. Como será que atores de verdade controlam sua ansiedade? Um troca aqui, outro se maquia dali. Põe roupa, tira roupa, aluga roupa, improvisa e ufa, está tudo pronto!

Preparem-se que o show vai começar! Ai vem a pergunta que não quer calar: qual foi a reação das crianças quando nos viram? Bem, as maiores reconheceram algumas pessoas, outras se encantaram com a Emília e o Visconde, mas os bebês tiveram reações diversas: choraram, se assustaram, se encantaram, como imaginávamos.

Apresentamos a peça nos dois turnos e foi uma experiência que me trouxe recordações do tempo que estudava, quando montávamos apresentações praticamente todos os anos e a diversão e emoção eram as mesmas. Os improvisos e a participação natural das crianças é o que mais nos chama atenção porque mesmo sabendo quem nós somos, por alguns minutos eles se esquecem e nos tratam como personagem fictício. Participaram das falas, se intrometeram nas ações dos personagens e nos fizeram dar boas risadas. Até hoje não sei quem mais se diverte nessas situações, se são as crianças ou nós. Mas de uma coisa tenho certeza, todos entram na brincadeira.

O mais interessante iria acontecer depois da última apresentação quando alguns personagens foram andar pela escola, conversando com os pais e as crianças. Eu, como era de se imaginar, não tive pressa em ir me trocar, aproveitei aquele momento único que me marcou e chamou muita a minha atenção. Sai pela escola, como Emília e com uma voz que arrumei para a personagem, brinquei com as crianças, tirando fotos e finalmente cheguei em minha sala de maternal.

⁷Personagem criada por Mauricio de Souza

Entrei e para minha surpresa as crianças não me reconheceram mesmo quando comecei a conversar com minha voz normal. Resolvi entrar no clima e me deixei levar pela imaginação das crianças. Realmente elas acreditavam que eu era a própria Emilia, até porque a roupa era idêntica a da personagem e estava com os braços e pernas coberto com meia, luva nas mãos, tudo conforme deveria ser. Sentei me num cantinho da sala, de forma despachada e todos se sentaram junto. Algumas já vieram e sentaram no meu colo, outras olhavam de forma desconfiada e começamos nossa conversa.

Perguntei onde estava a Elisângela e elas responderam que tinha ido embora. E elas começaram a me perguntar onde estava o Visconde, que horas voltaria para o Sítio ou se eu ficaria ali na sala com as outras bonecas. Uma criança começou a me tocar e perguntar se realmente eu era de pano, outra já entrou na conversa retrucando que eu era de pano sim porque a meia dá uma textura diferente a pele. E essa conversa durou quase uma hora. Tocavam “meu cabelo de lã”, queriam tirar minhas sapatilhas para ver se meu pé também era de pano. Como nada é eterno e a maquiagem de Emilia já estava me incomodando resolvi me despedir. Disse que iria procurar a Elisângela para cuidar delas, algumas crianças ainda me olhavam de forma desconfiada, mas a maioria me fez prometer que voltaria algum dia para brincar com elas. Nos despedimos e fui me trocar. Minha colega de sala observava tudo e também ficou encantada com a imaginação das crianças. Quando voltei para a sala as crianças vieram ao meu encontro e começaram a contar o que tinha acontecido, quem tinha ido à sala brincar com elas e eu escutei tudo como se não tivesse conhecimento. Isso tudo me emocionou e reforçou a idéia de Vygotsky (1984) sobre a importância da imaginação, do faz de conta para o desenvolvimento do pensamento nas crianças.

Assim fica clara a complexidade do brincar. A criança aprende, transforma sua realidade através da imaginação, do faz de conta, das re-descobertas, desenvolve o pensamento, a linguagem, transforma a cada momento e modifica o outro (VYGOTSKY, 1984). Brincar é uma ação mediada pelo contexto sociocultural e o significado, que a criança atribui aos objetos das brincadeiras não é estático (VYGOTSKY, 1984). A criança reelabora seus espaços de brincar, recriando cenários, e inventando novas funções para o objeto de forma que tenham sentido para ela, que sejam adequadas as determinações da sociedade. É fantástico observar todos os dias como as crianças têm uma capacidade única de modificar a utilização dos objetos à sua volta e até mesmo das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

FERNANDO PESSOA

Realmente nossa vivência escolar é um jogo de brincadeiras. Um jogo de erros e acertos, mas com constante e incansáveis tentativas de melhorar. Erros, não por nossa culpa, mas por culpa do nosso sistema educacional, tão precário, tão egoísta, que nos arrasta com seu poder de uma verdade própria de quem condiciona a maioria. E muitas vezes nos condicionamos também. Um poder muitas vezes ditatorial apesar de acreditarmos que não exista, está para quem quiser ou puder enxergar. Acertos, quando me rebelo contra o sistema e repenso minha atuação no seu interior. Quando, através de reflexões, críticas e ações, luto para que os outros não se deixem levar pelo poder da verdade daqueles que fazem nossas leis, aqueles que querem nos ver cumprindo “currículos” para preparar nossas crianças para serem comandados por eles.

Acredito sim, que devemos preparar nossas crianças para não se deixarem convencer ou se iludirem pelo poder da verdade imposta, e sim, buscar sua própria verdade através de releituras do mundo que as rodeia. A forma que temos para que isso ocorra é permitir que hoje sejam crianças, brinquem, descubram o mundo através do brincar.

O ambiente escolar favorece a criança a conhecer formas de cidadania e a inicia num processo para se reconhecer cidadã, mesmo se tratando da creche e mesmo que tenham como base o brincar. Nos trabalhos e projetos pedagógicos elas podem conhecer seus direitos e deveres e os colocarem em prática fora do ambiente escolar. Portanto com relação a essa cidadania muitos indivíduos a vivenciam, mas nem todos levam adiante o seu aprendizado, o que é uma pena.

Mesmo assim temos que entender que os conflitos estão presentes no nosso cotidiano. O que nos resta é tentar fazer com que nossas crianças cresçam percebendo, desde pequenas, que com criticidade, através do conhecimento adquirido, pode se melhorar o ambiente em que vive.

Sentia-me impotente frente a tantos problemas das comunidades em que já trabalhei. Com o passar do tempo e dos estudos percebi que não tenho que resolver os problemas sociais do mundo, por que eles não se resolverão de uma hora para outra.

Tenho que cumprir meu papel de educadora no sentido de garantir a criança um tempo para vivenciar o lúdico, experimentar o inesperado, proporcionar trocas entre seus pares e também com os adultos.

Para futuras experiências dentro da educação penso aprimorar meu olhar em relação às creches. Muito ainda existe para ser feito, descoberto, estudado e batalhado dentro da educação. Sim, muita luta! Porque não acredito que a sociedade irá mudar seu olhar para com a Educação Infantil sem que aqueles que a desejam lutem pelas crianças que dela necessitam. Um olhar que acredite no desenvolvimento da criança através do seu brincar. Quando estava separando material para a escrita desse memorial, encontrei uma apostila que a Rede Municipal de Hortolândia distribuiu aos profissionais da educação em 2005 sobre o porquê brincar. No final da apostila estava o texto a seguir que resume um olhar interessante sobre o significado do brincar para a própria criança.

A minha coordenadora pedagógica também deu uma cópia desse texto a algumas semanas, no HTPC⁸, para falar sobre a necessidade de voltar o olhar para nossa forma de pensar e agir perante as crianças, aproveitando todas as formas do brincar.

Finalizo este memorial com o texto de Anita Wadley:

APENAS BRINCANDO

Quando estou construindo com blocos no quarto de brinquedos

Por favor, não diga que estou apenas brincando.

Porque enquanto brinco estou aprendendo

Sobre equilíbrio e formas.

Quando estou me fantasiando, arrumando a mesa e cuidando das bonecas,

Por favor, não fique com a idéia que estou apenas brincando

Porque enquanto brinco, estou aprendendo.

Eu posso ser mãe ou pai algum dia.

Quando estou pintando até os cotovelos,

Ou de pé diante do cavalete, ou modelando argila.

Por favor, não me deixe ouvir você dizer: ele está apenas brincando.

Porque enquanto brinco estou aprendendo.

Estou me expressando e criando.

⁸ Hora de Trabalho Pedagógico e Coletivo, momento em que os profissionais da educação juntamente com a coordenadora pedagógica da unidade escolar, discutem, estudam, planejam o que vai ser trabalhado com as crianças no decorrer da semana.

Eu posso ser um artista ou um inventor algum dia.
Quando você me vê sentado numa cadeira
Lendo para uma platéia imaginária,
Por favor, não ria e pense que estou apenas brincando,
Porque enquanto brinco estou aprendendo,
Eu posso ser um professor algum dia.
Quando você me vê procurando insetos nos arbustos,
Ou enchendo os meus bolsos com todas as coisas que encontro,
Não jogue fora como se eu estivesse apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser um cientista algum dia.
Quando estou entretido com um quebra cabeça,
Ou com algum brinquedo da minha escola,
Por favor, não sinta que é um tempo perdido com brincadeiras...
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Estou aprendendo a me concentrar e resolver problemas.
E posso estar numa empresa algum dia.
Quando você me vê cozinhando ou experimentando alimentos,
Por favor, não pense que porque me divirto, é apenas brincadeira.
Eu estou aprendendo a seguir instruções e perceber diferenças.
Eu posso ser um “cheef” algum dia.
Quando você me vê aprendendo a pular. Saltar,
Correr e movimentar meu corpo,
Por favor, não diga que estou apenas brincando.
Eu estou aprendendo como meu corpo funciona,
Eu posso ser um médico, enfermeiro ou um atleta algum dia.
Quando você me pergunta o que eu fiz na escola hoje,
E eu digo, eu brinquei.
Por favor, não me entenda mal.
Porque enquanto eu brinco estou aprendendo.
Estou aprendendo a ter prazer e ser bem sucedido no trabalho.
Eu estou me preparando para amanhã.
Hoje, eu sou uma criança e meu trabalho é brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A. O Direito das Crianças á Educação Infantil. **PRÓ-POSIÇÕES**. Revista da Faculdade de Educação/Unicamp: vol. 14, n.3(42) – jan/abr. 2004.

ALVES, R. **Filosofia da Ciência**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

AMARAL, I. A. Educação ambiental e ensino de ciências: uma história de controvérsias. In: **Pró-Posições**. Campinas-SP: FE/UNICAMP, vol. 12, nº 1(34) março 2001, pp, 73-95.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília; MEC/SEF, 1998.

IFRAH, G. **Os Números, a história de uma grande invenção**. RJ, Editora Globo, 1978.

KUHLMANN, Moysés Jr. Educação Infantil e Currículo. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (Orgs). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP; Autores Associados, 1999.

PALHARES, Marina Silveira e MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. A Educação Infantil – Uma questão para o debate. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (Orgs). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP; Autores Associados, 1999.

PIAGET, J. **Problemas de Psicologia Genética**. Serie Os Pensadores. São Paulo, Victor Civita, 1978.

VYGOTISKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

ANEXO 1



RADAR

Informativo da Prefeitura de Hortolândia
SE - (Secretaria de Educação) - Dezembro de 2006

Emei Novo Ângulo compromisso com o educando

A Emei Jardim Novo Ângulo foi inaugurada em junho de 2000, está localizada na rua Francisco Bereta nº 350. Atendemos atualmente cerca de 500 crianças de 1 a 6 anos.

Contamos com uma equipe de 22 funcionários, 18 professores e buscamos envolvimento de todos no trabalho, tendo sempre como ponto de partida conhecer de fato quais são os interesses e necessidades das crianças. O nosso compromisso é com a construção do conhecimento do educan-

do, acreditamos num trabalho lúdico que leve a criança a se desenvolver integralmente: estimulando o seu raciocínio, criatividade, fantasia, interação e socialização.

Uma parceria de qualidade com a família e a comunidade neste processo com certeza será o diferencial na formação do educando. Temos como base para o trabalho a importância do afeto, buscando uma formação mais humanizada, crítica e autônoma, respeitando a individualidade de cada um dentro do contexto escolar.



Emei Jardim Novo Ângulo

Feira na Escola: As crianças aprendem a selecionar alimentos

A recreacionista da nossa escola Elisângela, que cursa o 3º semestre do curso de Pedagogia na Unicamp, desenvolveu o Projeto Feira

Livre na Escola com atividades iniciais básicas de matemática, noções do sistema monetário, compra/venda, trocas, contagem.

Paralelamente a este projeto, a professora Inês desenvolveu com seus alunos o Projeto Alimentação com noções de higiene, manipulação dos mesmos, trabalhou percepção e os sentidos (olfato, tato, paladar).

Apesar de registros distintos, os dois projetos caminharam juntos e envolveram toda escola..

Foram construídas barracas na altura das crianças e utilizados tanto alimentos de plástico quanto naturais para aguçar a percepção delas.

A finalização dos projetos foi feita com a feira e depois as cozinheiras prepararam uma variedade de saladas e

degustações de frutas que envolveram as três salas da creche da Unidade Escolar.

Algumas crianças nos surpreenderam, mostrando desenvolvimento cognitivo, perceptivo e sócio-cultural ou seja conheciam todos os alimentos e reconheciam as cédulas o que ficou nítido que a feira é algo que faz parte da realidade das crianças, portanto fica mais fácil a assimilação do que foi proposto.

O objetivo dos dois projetos foi alcançado: o envolvimento de toda a escola e o "brincar" com função pedagógica proporcionado pelas educadoras (professoras e recreacionistas).



Crianças em banca de feira livre montada na escola